

CONSTRUÇÕES DE TEMA E CORREFERENCIALIDADE: UMA DESCRIÇÃO FUNCIONALISTA EM TRÊS SINCRONIAS¹

Fábio Izaltino Laura*

Resumo: A partir de uma visão funcionalista da linguagem, mais especificadamente da Gramática Funcional de Simon Dik (1989, 1997), pretende-se neste artigo mostrar o funcionamento da correferencialidade na ocorrência de Construções de Tema na interação verbal por meio de cartas pessoais. Assim, tomando-se a idéia de que a correferencialidade pode se manifestar nas formas lexicais, pronominais e zero, o texto focaliza a evolução dessas formas correferenciais em três momentos da língua portuguesa, a saber, séculos XVIII, XIX e XX. Os dados indicam a tendência, com o passar do tempo, de o Tema não apresentar correferencialidade com constituintes oracionais, o que pode estar relacionado à mudança no sistema pronominal de língua portuguesa: diminuição no uso de pronomes clíticos e presença de anáfora zero.

Palavras-chave: Funcionalismo. Diacronia. Tema. Correferencialidade.

Abstract: From a functionalist point of view, more specifically the Simon Dik's Functional Grammar (1989, 1997), we intend in this article to show how the co-referentiality works with the occurrence of the Theme Constructions in verbal interaction by personal letters. Thus assuming the idea that the co-referentiality may manifest itself like lexical form, pronominal form and zero our text focus the evolution of these co-referential forms at three times of Portuguese, that is, centuries 18th, 19th e 20th. The results denote a tendency, through the time, for the Theme not to present co-referentiality with clausal constituents, which may be associated to changes in the Portuguese pronominal system: a diminution in the use of clitic pronom and presence of zero anaphora.

Keywords: Functionalism. Diachrony. Theme. Co-referentiality.

Introdução

Neste artigo, tem-se o objetivo geral de investigar a função pragmática de Tema sob o ponto de vista da Gramática Funcional de Dik (1989, 1997). Nessa perspectiva, constituintes que desempenham a função pragmática de Tema são aqueles que orientam o ouvinte acerca

¹ Parte deste texto é de minha dissertação de mestrado, defendida na UNESP/São José do Rio Preto, sob orientação da Prof^a Dr^a Erotilde Goreti Pezatti. Em minha pesquisa de doutorado, em realização na UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, continuo o trabalho do mestrado, mas restrinjo-me aos casos de sintaticização e discursivização de expressões como *quanto a*, *em relação a*, *a propósito de* que introduzem constituintes com função de Tema, tendo, para tanto, o apoio da FAPESP – processo número 2009/51217-4.

*Doutorando em Linguística no IEL/UNICAMP, Campinas, São Paulo. Brasil. fil_fabiolaura@yahoo.com.br.

da entidade em relação à qual é relevante enunciar a oração subsequente, caracterizando-se como um constituinte que se posiciona fora de oração propriamente dita, mantendo com ela uma relação puramente pragmática ou sintático-semântico-pragmática.

Mais especificamente, este artigo se debruça sobre a questão da correferencialidade em contextos de ocorrência de Tema. Para tanto, parte-se do tipo de característica formal desse correferente – se a retomada do Tema dentro da oração é realizada por um correferente lexical, pronominal ou zero – na tentativa de traçar a evolução da correferencialidade do Tema dentro da oração na interação verbal por meio de cartas pessoais produzidas nos séculos XVIII, XIX e XX.

Leva-se em conta, neste trabalho, o fato de que houve uma diminuição nos usos de clíticos em língua portuguesa do Brasil especificamente, sendo, substituídos por não-clíticos. Braga (1986, 1992) e Pontes (1987) verificaram que as ocorrências de não-clíticos em construções de Tema se sobressaem a de clíticos no português brasileiro contemporâneo. Dessa forma, um estudo diacrônico, como o empreendido aqui, poderia verificar se há alguma forma do constituinte correferente ao Tema que é a preferida em um determinado século em comparação aos outros, sabendo, porém, que há a possibilidade de o sujeito também apresentar-se na forma de um pronome, zero ou ainda lexicalmente.

Para uma melhor visualização, este trabalho está dividido da seguinte forma: na primeira seção, são apresentadas as características do Tema de acordo com a teoria da Gramática Funcional; na segunda seção, é apresentada a descrição do elemento correferente ao Tema nos séculos citados e, por último, são feitas considerações finais acerca do exposto no artigo.

A função pragmática extra-oracional Tema na Gramática Funcional

No enfoque funcionalista, a pragmática representa o componente mais abrangente, no interior do qual se devem considerar a semântica e a sintaxe: a semântica é dependente da pragmática e a sintaxe da semântica.²

Dentro dessa perspectiva, o modelo funcionalista de Dik (1989, 1997) propõe uma separação de constituintes que aparecem no início da sentença de acordo com as funções que

² Para uma melhor visão sobre a questão, ver Neves (1997) e Pezatti (2004).

estes constituintes desempenham no discurso, fazendo, assim, uma distinção entre constituintes que estão fora e constituintes que estão dentro da oração propriamente dita, o que significa que qualquer texto de língua natural pode ser dividido em constituintes oracionais e extra-oracionais. São extra-oracionais aqueles constituintes que não são nem oração nem parte da oração.

Na visão desse modelo funcionalista, os constituintes exerceriam, portanto, funções pragmáticas diferentes de acordo com a posição que apareceriam na oração, ou fora dela. De forma exemplificativa, tem-se que uma mesma estrutura, de acordo com Dik (1989), pode ser realizada de várias maneiras, diferenciando-se uma das outras quanto:

a) à entonação:

- (1) a. O PATINHO foi morto por este fazendeiro.
b. O patinho foi MORTO por este fazendeiro.
c. O patinho foi morto por ESTE fazendeiro.
d. O patinho foi morto por este FAZENDEIRO.

b) à ordem dos constituintes:

- (2) Por este fazendeiro o patinho foi morto.

Estas alternativas, todavia, não podem ser descritas simplesmente como opcionais, pois em certos contextos umas podem ser adequadas e outras não e isso acontece de acordo com a intenção do falante em relação ao ouvinte.

Para Dik (1989), pode haver diferenças relevantes em relação a diferentes escolhas de funções pragmáticas para os constituintes subordinados à estrutura de uma oração. Por função pragmática entende-se funções que especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação ao quadro comunicativo em que eles são usados e são divididas por Dik em dois tipos: as funções pragmáticas intra-oracionais e extra-oracionais.

As funções pragmáticas intra-oracionais concernem ao *status* informacional dos constituintes da oração em relação ao contexto comunicativo mais amplo em que a oração é usada. Dessa forma, o Tópico apresenta a entidade sobre a qual a informação é fornecida ou

solicitada no discurso, em outras palavras, Tópico é sobre o que se fala no discurso; já o Foco, a informação mais importante ou saliente numa dada situação comunicativa, e é considerada pelo falante a mais essencial para situar o ouvinte em sua informação pragmática³.

Os exemplos a seguir mostram, respectivamente, casos de Tópico e de Foco no português escrito.

- (3) *O homem da Biblioteca Nacional* continua cada vez mais furioso, espiando, fazendo picardias. Parece que o plano *delle* é provocar qualquer choque que me incompatibilize com *elle* e me impossibilite de ir ao estabelecimento. (CA;1886;15;23-25)
- (4) porque *nem aqueles pequenos incômodos* por que todos passam tenho eu experimentado. (ML;1768)

Em (3), *o homem da Biblioteca Nacional* é a entidade sobre a qual se fala (*continua cada vez mais furioso, espiando fazendo picardias*). Na continuação do discurso, este Tópico ainda permanece ativo, representado, na segunda parte do exemplo, por *delle* e *elle*. Já o exemplo (4) refere-se a um Foco, uma vez que *nem aqueles pequenos incômodos*, na posição P1 e marcado pela partícula *nem*, é a informação mais importante ou saliente da oração, já que contrasta duas partes de informação (os pequenos e grandes incômodos).

Como se pode notar, Tópico e Foco na Gramática Funcional são funções pragmáticas distintas que os constituintes intra-oracionais podem desempenhar e nada têm a ver com as construções de Tema, que desempenham, por seu turno, função pragmática extra-oracional.

Segundo Dik (1997), produzimos, principalmente no discurso oral, uma variedade de expressões que não podem ser analisadas nem como orações, nem como fragmentos de orações. Essas expressões podem estar sozinhas ou preceder, seguir e até mesmo interromper uma oração, sendo mais frouxamente associadas a ela do que aqueles constituintes que fazem parte da oração propriamente dita. São os constituintes extra-oracionais (CEOs), ou seja, constituintes mais frouxamente associados à oração. Estabelecer diferenciação de um mesmo

³ A informação focalizada, dessa forma, diz respeito às mudanças que o falante deseja efetuar na informação pragmática do ouvinte.

constituente como intra- ou extra-oracional pode justificar ou determinar diferenças comunicativas.

É necessário considerar, ainda, que muitos CEOs apresentam uma multifuncionalidade que se manifesta em duas diferentes situações: i) diferentes contextos de uso para um mesmo constituinte e ii) funções diversas em uma mesma ocorrência. Dik divide os CEOs de acordo com o lugar que ocupam em relação à oração e de acordo com as distinções que podem ser estabelecidas em relação às funções exercidas pelos CEOs.

A função pragmática de Tema é uma das funções da macrofunção de Orientação, que está relacionada a CEOs que trabalham na organização discursiva. Os CEOs de *Orientação*⁴ apresentam indicações sobre a maneira como a informação será apresentada, auxiliando o destinatário na identificação das coordenadas essenciais para a “ancoragem” do enunciado.

Um constituinte com função de Tema especifica um conjunto de entidades em relação às quais a oração seguinte apresenta alguma informação relevante, conforme se pode observar em (5):

- (5) *Quanto ao José*, eu desejava que, vendido e liquidado o neogcio, *elle* viesse logo para aqui, a fim de tratar de seus estudos interrompidos ou de alguma outra cousa. (1935)

A estratégia do falante para esta estrutura de expressão linguística é: (i) aqui está alguma entidade *o José* com relação à qual eu vou produzir alguma informação; (ii) e aqui está o que eu quero dizer sobre ela: *eu desejava que, vendido e liquidado o neogcio, elle viesse logo para aqui, a fim de tratar de seus estudos interrompidos ou de alguma outra cousa*.

A propriedade mais importante do Tema é estar fora da oração propriamente dita. Dessa forma, não há razão para se considerar um Tema como deslocado à esquerda. No exemplo (6) a seguir, por exemplo, o Tema *suas despesas com automóvel* se relaciona com a oração por razões estritamente pragmáticas, não podendo, assim, ser governado por regras sintáticas. Há, porém, como se observa em (5) acima, casos nos quais o Tema se relaciona com a oração por meios sintático-semânticos.

⁴ Os CEOs de Orientação podem ser, de acordo com Dik (1997), dos seguintes tipos: Condição, Cenário e Tema. Restringir-nos-emos aqui apenas ao conceito de Tema.

- (6) *Quanto às despesas com automóvel*, ajustaremos contas depois. (1941).

Um esquema para o exemplo (5) é (7a) abaixo, em que o Tema é retomado dentro da oração por um pronome. Em (7b), tem-se o esquema para (6), em que o Tema não é retomado na oração.

- (7) a. (x₁)Tema, (...(x₁)...)Oração
 b. (x₁)Tema, (.....)Oração

Uma outra propriedade apresentada por Dik é o fato de o Tema geralmente preceder a Oração completa. O Tema também pode ter seu próprio *status* ilocucionário, diferente daquele da oração que o segue. Foram encontrados, na língua escrita, casos de Tema com ponto de interrogação, sugerindo que o status ilocucionário do Tema é diferente da oração, conforme (8) abaixo:

- (8) *A prefeitura?* Sim, foi *ela* que interrompeu a viagem que eu tinha certa para amanhã. (1928)

O Tema não tem função sintática, nem semântica e, conseqüentemente, nenhuma marca correspondente à de seu constituinte correferencial dentro da oração. O Tema geralmente ocorre na forma não marcada, ou seja, no caso absoluto, como se pode observar em (9). Podem, porém, aparecer casos em que o Tema é marcado por alguma partícula, conforme (10).

- (9) *As figurinhas das balas holandesas* – estas eram da nossa infância. (1966)

- (10) *Quanto ao Jorge*, ele me parece sempre apressado, na prosa, só em Calunga tendo conseguido alguma forma de unidade. (1940).

A forma de manifestação do constituinte correferente ao Tema

Objetivando verificar se a correferencialidade com o Tema se manifesta preferencialmente com um tipo de anáfora, foram analisadas as ocorrências que mantêm com a oração uma relação sintático-semântica, como exemplifica (5) acima esquematizado em (7a), excluindo-se as ocorrências de Tema que estabelecem uma relação puramente pragmática, como mostra a ocorrência (6) acima esquematizada em (7b). Os números indicam, de modo geral, uma preferência, nos três séculos, pela forma pronominal (50%). No entanto, essa preferência ocorre principalmente no século XVIII, pois, no século XIX, as formas pronominais e zero têm a mesma frequência e, no século XX, a forma zero se sobressai às outras. Os dados revelam ainda que a correferência por meios lexicais é a forma de manifestação menos frequente nos três séculos, conforme se observa na tabela a seguir.

Tabela 1. Forma de manifestação do correferente do Tema

<i>Forma do correferente</i>	<i>Séculos</i>						TOTAL	
	<i>XVIII</i>		<i>XIX</i>		<i>XX</i>		n	%
	N	%	n	%	n	%		
Lexical	4	22,2%	1	6,6%	2	7,4%	7	11,7%
Pronominal	14	77,8%	7	46,7%	10	37%	31	51,6%
Zero	0	0	7	46,7%	15	55,6%	22	36,7%
TOTAL	18	100%	15	100%	27	100%	60	100%

No século XVIII, a forma de manifestação do correferente é, na maioria das vezes (77,8%), pronominal, como exemplificado em (11), enquanto a forma lexical ocorre em 22,2%, conforme (12). É importante ressaltar que, neste século, não há anáfora zero como elemento retomador do constituinte Tema.

- (11) *O Corpo Militar*, vou principiando a não ter vergonha de o mostrar (ML;1768;31;65)

- (12) *o grandíssimo amor, e respeito que sempre professei à casa de V. Ex^a, a grande estimação com que sempre contemplei as estimáveis alianças que a minha Casa tinha a honra de Ter com a de V. Ex^a, tôdos esses motivos acrescentam o grandíssimo gôsto com que estimo que se achasse desembaraçada em minha Casa uma filha que creio que o especial amor que sempre lhe tenho tido era já um presságio de haver de dever-lhe a ela o renovarem-se tão gostosamente para mim os vínculos tão estimáveis do nosso parentesco: (ML;1768;29;1-10)*

A ocorrência (11) mostra a anáfora pronominal *o* na função sintática de Objeto. O exemplo (12), por seu turno, apresenta um Tema complexo formado por *o grandíssimo amor, respeito e a grande estimação*, que é modificado pelas orações adjetivas *que sempre professei à casa de V. Ex^a*, no caso de *o grandíssimo amor, e respeito*, e *com que sempre contemplei as estimáveis alianças que a minha casa tinha a honra de ter com V. Ex^a*, no caso de *a grande estimação*, retomado no sujeito da oração pela expressão resumitiva *tôdos esses motivos*. Cabe ressaltar que a maioria dos casos de correferência lexical são resumitivas.

No século XIX, nota-se uma diminuição na porcentagem de anáforas pronominais (46,7%), conforme exemplificado em (13), e de anáforas lexicais (6,6%), como demonstrado em (14), compensada com o aparecimento de anáforas zero (46,7%), conforme (15), ocasionando um empate entre as formas zero e pronominal nos dados deste século.

- (13) *e a família quazi não conservo relações com ninguem por causa de não depender nem ter posses. (PHPB;1833;3;19-21)*
- (14) *Quanto à missão do padre Christovam de Gouveia, o relatório escripto pelo proprio Padre convem-me admiravelmente, porque está inedito e só conheço por um extracto defficiente de Franco. (CA;1887;29;35-39)*
- (15) *Quanto ao Cabral, Ø está preparando as cartas de Nobrega e Teixeira de Mello, as de Anchieta que aqui existem e que são em número de dez. (CA;1886;11;54-56)*

No século XX, percebe-se alteração na forma de manifestação dos constituintes que retomam o Tema: a forma zero torna-se a preferida (55,6%), enquanto a pronominal, de preferida no século XVIII, passa a ocupar o segundo lugar no *ranking* com 36,7% das ocorrências. A anáfora lexical, que já era pouco utilizada nos séculos anteriores, continua nessa mesma posição no século XX, com 11,7% dos casos. Os exemplos (16), (17) e (18) ilustram ocorrências de anáforas do Tema no século XX.

- (16) *O [artigo] sobre Arquitetura, telefonarei hoje ao Artigas pra ver si \emptyset já está feito.* (MA;1941;45;83)
- (17) *Quanto a te achar meio doido, isso é modéstia de sua parte: meio, não: sempre te achei completamente doido.* (FS;1969;49;98-100)
- (18) *Quanto ao Flávio... Pediria a você não me tocar mais nesse sujeito, pra que!* (MA;11940;34;11-12)

A ocorrência (16) apresenta um Tema retomado por anáfora zero, enquanto (17), mostra uma anáfora pronominal, ambas na posição de sujeito. É interessante observar que, em (17), o Tema não é uma entidade mas uma oração, e o anafórico *isso* retoma toda a oração. Há um outro exemplo, apresentado abaixo, em que se observa o mesmo fenômeno.

- (19) *Quanto a escrever sobre, prometer prometo \emptyset mas diga a ela que me desculpe e espere.* (MA;1941;43;17-18)

Neste caso, a anáfora é zero e tem função sintática de objeto. Os exemplos (17) e (19) mostram que é possível o Tema ocorrer com entidades de segunda ordem, como um Estado de Coisas.

Em (18), por outro lado, a anáfora lexical retoma o Tema *quanto ao Flávio* por meio da expressão *esse sujeito*. É interessante observar que as formas de manifestação lexical nos três séculos referem-se, na maioria dos casos, a nomes genéricos como *coisa*, *assunto*, *fato*. Porém, em alguns casos, a anáfora lexical constitui um termo resumidor que traz consigo subjacentemente avaliações, como é o caso do exemplo (20) abaixo, em que *embaraço*, ao

mesmo tempo que retoma o Tema, deixa transparecer uma avaliação do falante a respeito da entidade tratada na oração. Casos como esses são encontrados também nos dados do século XX, como em (18), em que o termo anafórico *sujeito* revela, sem dúvida, uma avaliação pejorativa da entidade tratada.

(20) *O trabalho que tenho tido na expedição dêstes navios, e a fazer o meu primeiro estabelecimento neste Govêrno como V. M^{cê} largamente verá por essa Secretaria, todo êste embaraço me tinha na desconsolação de tomarem de tal forma o tempo, que eu não pudesse por êste modo continuar a segurar a V. M^{cê} a minha amizade*
(ML;1768;12;1-6)

Um caso interessante é a ocorrência (21), do século XX, em que o Tema é retomado pelos sujeitos das duas orações seguintes, Ouro Preto e Salvador.

(21) *Quanto às duas últimas, Rubem resmungou que Ouro Preto tem muita ladeira e Salvador tem muito baiano – resta, pois o Rio que está cada vez (pior) melhor.*
(FS;1968;41;48-50)

O exemplo abaixo, do século XVIII, é ainda mais complexo, pois, inicialmente, somente uma parte do Tema é retomado por uma anáfora lexical com a função pragmática de Tópico Novo, que se estabelece, na sequência textual, como um Tópico Dado até que se esgotem comentários sobre ele e só depois passa-se a falar sobre a outra entidade introduzida pelo Tema. O correferente torna-se, agora, um outro Tópico Novo, que se estabelece também como um Tópico Dado no texto até ser esgotado.

(22) *Os meus dois colegas Condes de Valadares, e Povodile, o primeiro enjoou logo que saímos, o primeiro vomitou horrorosíssimamente e havia dias em que Ø vomitava cinco, e seis vêzes, porém com a felicidade que imediatamente Ø achava de vomitar, Ø entrava a comer com tanta vontade e gosto, que parecia que Ø não tinha tido nada. Com êste trabalho Ø estêve vinte e tantos dias de cama, porém já há dias que Ø passa bem, e Ø saiu desta tormenta mais gordo; o de Povodile passou os primeiros doze dias sem enjoar, e quando nos parecia que Ø seria o*

único que passasse bem, veio-lhe um ataque, da sua gota reumática com grandíssima fôrça que o tem feito padecer infinito; tive o gosto que as minhas prevenções lhe fôssem a ele de utilidade, porque o não consentir o meu médico que ê se sangrasses, o grande uso que lhe fêz fazer do leite das minhas burras, o obrigou a umas tais descargas que ê confessou que nunca o tivera maiores nem o recebera semelhante alívio em tão pouco tempo, finalmente o fica bom de forma que já o estêve capaz de ir tomar posse do seu Govêrno. (XVIII,Lavradio;1,48-65)

Pelo exposto, é interessante notar a mudança de preferência pela forma correferencial: de pronominal para a zero. Decat (1989) afirma que as construções de Tema são um gatilho desencadeador de clíticos como demonstrado em seus dados diacrônicos, há, porém, como a própria autora diz, a presença de pronomes não-clíticos e de anáfora zero na língua falada, exemplificada por ela com exemplos de Braga (1986) e Pontes (1987). Nossos dados revelaram, contudo, que a tendência do século XVIII é preencher a posição ocupada pelo correferente na forma pronominal ou, com menos frequência, na forma lexical; já no século XX, a tendência é que o constituinte correferente esteja elidido.

Deve-se notar, por fim, que os resultados aqui apresentados para o português escrito contrastam com os de Vicente (2002), obtidos no português falado contemporâneo. Em seus dados, a forma preferida também é a pronominal (57,9%); zero aparece em 27,6% dos casos, enquanto a forma lexical ocorre em apenas 14,5%. Já no português escrito, como já descrito acima, pelo contrário, o Tema é retomado, na maioria das vezes, na forma zero (55,6%), enquanto a forma pronominal aparece em 37% das ocorrências e a lexical em 7,4%.

Esses números indicam uma diferença entre as duas modalidades, a oral e a escrita, uma vez que, na oral, as posições tendem a ser preenchidas, enquanto na escrita a preferência é por deixá-las vazias.

Considerações finais

Este trabalho tentou mostrar o comportamento do elemento correferencial ao Tema na interação verbal por meio de cartas pessoais nos séculos XVIII, XIX e XX.

Os dados de cartas pessoais indicaram que os falantes de língua portuguesa do século XVIII e do século XX têm preferências diferentes em relação ao uso de correferentes de construções de Tema. No primeiro século, os falantes usam o correferente pronominal e, no segundo, a forma zero. Essas preferências podem indicar uma mudança relacionada ao sistema pronominal – diminuição de clíticos para os casos de objeto, e presença de sujeito zero.

Referências

BRAGA, M. L. *Construções de tópico de discurso*. Relatório Final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos Censo à Educação. Brasília: FINEP, 1986.

_____. Ordem de palavras, status informacional e caráter definido do SN. In SEMINÁRIOS DO GEL, 14., 1987, Campinas. *Anais...* Santos: Unisantos, 1987, v. 15, p.7-18.

_____. Tópico e ordem vocabular. In: MACEDO, D. P.; KOIKE, D. A. (orgs.). *Romance Linguistics: The Portuguese Context*. Westport: Bergin & Garvey, 1992. p. 107-120.

DECAT, M. B. N. Construções de Tópico em Português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In TARALLO, F. (org). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 113-39.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. v. 1. Dordrecht: Foris, 1989.

_____. *The theory of functional grammar*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LAURA, F. I. *A expressão do Tema em Português: do século XVIII ao século XX*. São José do Rio Preto, 2003 (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, UNESP.

NEVES, M. H. M. *A Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em Linguística. In MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

PONTES, E. *O Tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

VICENTE, J. R. T. *O constituinte pragmático extra-oracional Tema no português brasileiro falado*. Araraquara, 2002 (Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.